



Mestiçagem, Degeneração e Darwinismo Social na Bolívia: Sobre o Ensaio “Pueblo Enfermo” de Alcides Arguedas

Joallan Cardim Rocha¹

Resumo

Alcides Arguedas (1879 - 1946) é o escritor mais importante e controverso da primeira metade do século XX na Bolívia. Sua vasta obra literária, ensaística e historiográfica não só contribuiu para uma interpretação original da sociedade boliviana, como também permitiu construir uma certa imagem da Bolívia frente aos demais países latino-americanos e europeus. Uma imagem marcada, sobretudo, pelo pessimismo das elites com o frustrado processo de formação do Estado nacional. Esse artigo analisa a obra mais importante e controversa do escritor boliviano, o ensaio Pueblo Enfermo, publicado em 1909, sob a influência das principais teorias em voga na Europa na segunda metade do século XIX, como o positivismo, o darwinismo social e o racismo científico. Partimos da hipótese de que o ensaio de Arguedas analisa a questão indígena na Bolívia a partir de uma interpretação que amalgama o racismo “científico e biológico” e um embrionário esboço de explicação sociocultural. Portanto, esta obra se encontra em um lugar de transição na trajetória intelectual do autor, marcada pela tensão entre os determinantes raciais-biológicos e os fatores culturais. Este tenso e instável equilíbrio explica, em grande medida, as distintas interpretações e controvérsias em torno a sua obra, que se dividem entre aqueles que o identificam como o precursor do indigenismo, e, os que o consideram a maior expressão do darwinismo social “criollo” boliviano.

Palavras-chave: Alcides Arguedas, Bolívia, Povos Indígenas, Racismo Científico, Mestiçagem.

Mestizaje, degeneración y darwinismo social en Bolivia: Sobre el ensayo “Pueblo Enfermo” de Alcides Arguedas

Resumen

Alcides Arguedas (1879 - 1946) es el escritor más importante y controvertido de la primera mitad del siglo XX en Bolivia. Su vasta obra literaria, ensayística e historiográfica no solo contribuyó a una interpretación original de la sociedad boliviana, sino que también le permitió construir una cierta imagen de Bolivia en relación con otros países latinoamericanos y europeos. Una imagen marcada, sobre todo, por el pesimismo de las élites ante el frustrado proceso de formación del Estado nacional. Este artículo analiza la obra más importante y polémica del escritor boliviano, el ensayo Pueblo Enfermo, publicado en 1909, bajo la influencia de las principales teorías en boga en Europa en la segunda mitad del siglo XIX, como el positivismo, el darwinismo social y el racismo científico. Partimos de la hipótesis de

¹ Professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA), doutorando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e integrante do Laboratório do Pensamento Político (PEPOL). E-mail de contato: j234452@dac.unicamp.br

que el ensayo de Arguedas analiza la cuestión indígena en Bolivia desde una interpretación que amalgama el racismo "científico y biológico" y un esbozo embrionario de explicación sociocultural. Por lo tanto, este trabajo se encuentra en un lugar de transición en la trayectoria intelectual del autor, marcado por la tensión entre los determinantes raciales-biológicos y los factores culturales. Este tenso e inestable equilibrio explica, en gran medida, las diferentes interpretaciones y controversias en torno a su obra, que se dividen entre quienes lo identifican como el precursor del indigenismo, y quienes lo consideran la máxima expresión del darwinismo social "criollo" boliviano.

Palabras-clave: Alcides Arguedas, Bolivia, Pueblos indígenas, Racismo científico, mestizaje.

Miscegenation, Degeneration and Social Darwinism in Bolivia: On the Essay “Pueblo Enfermo” by Alcides Arguedas

Abstract

Alcides Arguedas (1879 - 1946) is the most important and controversial writer of the first half of the twentieth century in Bolivia. His vast literary, essayistic and historiographical work not only contributed to an original interpretation of Bolivian society, but also allowed him to build a certain image of Bolivia in relation to other Latin American and European countries. An image marked, above all, by the pessimism of the elites with the frustrated process of formation of the national state. This article analyzes the most important and controversial work of the Bolivian writer, the essay *Pueblo Enfermo*, published in 1909, under the influence of the main theories in vogue in Europe in the second half of the nineteenth century, such as positivism, social Darwinism and scientific racism. We start from the hypothesis that Arguedas' essay analyzes the indigenous question in Bolivia from an interpretation that amalgamates "scientific and biological" racism and an embryonic outline of sociocultural explanation. Therefore, this work is in a place of transition in the author's intellectual trajectory, marked by the tension between racial-biological determinants and cultural factors. This tense and unstable balance explains, to a large extent, the different interpretations and controversies surrounding his work, which are divided between those who identify him as the precursor of indigenism, and those who consider him the greatest expression of Bolivian "criollo" social Darwinism.

Key words: Alcides Arguedas, Bolivian, Indigenous villages, Scientific racism, miscegenation.

Introdução

“De não haver predomínio de sangue indígena desde o começo, havia dado o país uma orientação consciente à sua vida, adotando toda classe de perfeições de ordem material e moral, e, estaria hoje no mesmo nível que muitos povos mais favorecidos por correntes imigratórias vindas do velho continente [...]” (Arguedas, 1967, p.32)

Alcides Arguedas (1879-1946) é, sem dúvida, o escritor mais importante, representativo e controverso da primeira metade do século XX na Bolívia. Sua vasta obra literária, ensaística e historiográfica não só contribuiu com uma interpretação original da sociedade boliviana e do modo de vida do seu povo, como também permitiu construir uma certa imagem da Bolívia frente aos demais países latino-americanos e europeus. Esse artigo analisa a obra mais importante e controversa de Alcides Arguedas, *Pueblo Enfermo*, publicada em 1909, sob a influência das principais teorias que predominaram na Europa na segunda metade do século XIX, como o positivismo e o darwinismo social, tornando-se rapidamente uma referência do pensamento social e político boliviano. Neste artigo, partimos da hipótese de que a obra *Pueblo Enfermo* propõe uma explicação da problemática indígena na Bolívia que amalgama o *racismo científico*, com um embrionário esboço de explicação sociocultural, marcada, sobretudo, pela tensão entre os determinantes raciais e biológicos e os fatores culturais.

Este tenso e instável equilíbrio explica, em grande medida, as distintas interpretações e controvérsias em torno a esta obra. Por um lado, se encontram aqueles que identificam o autor como o precursor do indigenismo na Bolívia, por outro, os que consideram Alcides Arguedas, a maior expressão do darwinismo social “criollo” boliviano. Segundo Arturo Andrés Roig (1981) esta obra, cuja primeira edição é de 1909, ampliada em reedições posteriores, em 1910 e 1937, traz o sugestivo subtítulo de “Contribuição para a psicologia dos povos hispano-americanos”, tratando-se de um estudo da “psicopatologia social boliviana”, e uma proposta de terapêutica nacional. A última parte do livro foi ampliada na terceira edição com base na dolorosa experiência da Guerra do Chaco².

Intelectuais latino-americanos e o racismo “científico” no século XIX.

Na segunda metade do século XIX foram publicadas importantes obras de interpretação da realidade latino-americana que foram diretamente influenciadas pelas tradições intelectuais europeias, como o positivismo, o evolucionismo social e as teorias racialistas. Na América Latina estas teorias formaram um complexo tecido de ideias e práticas

² A guerra contra o Paraguai, conhecida como a Guerra do Chaco, expressou uma profunda crise na sociedade boliviana. O governo boliviano em aliança com os empresários mineiros, na tentativa de contornar a crise econômica, recorreram à guerra contra o Paraguai. O conflito durou quatro anos (1932-1935) e foi, em todos os sentidos, um marco na história boliviana. A guerra deixou um saldo de 65 mil bolivianos mortos, aprofundou os problemas econômicos e agudizou ainda mais o descontentamento popular. Após a guerra a economia nacional e o sistema político se encontravam destruídos. O desgaste dos partidos tradicionais possibilitou que um setor nacionalista do exército assumisse a condução política do país (Gallego, Eggers-Brass, Lozano, 2006).

políticas que se encontravam profundamente entrelaçadas. Os teóricos do racismo científico e do positivismo acreditavam que a ciência havia triunfado e se pautavam pelo conhecimento científico para formular suas teorias e métodos de ação (Golveia, 2016). As proposições teóricas e os discursos de autores como Conde de Goubineau (1816-1882), Gustave Le Bon (1841-1931), Cesare Lombroso (1835-1909), Herbert Spencer (1820-1903), Louis Agassiz (1807-1873), Hippolyte Taine (1828-1893), Francis Galton (1822-1911) e Ludwig Gumplowicz (1838-1909) estavam em voga e circulavam entre os intelectuais latino-americanos, sendo apropriadas e “traduzidas” desde a América Latina.

Este discurso, surgido en la segunda mitad del siglo XIX en Europa, trataba de explicar los efectos “anormales” de la modernización a través de teorías médico-biológicas. Hechos tan disímiles como la extrema pobreza, el aumento del crimen y la violencia, la alienación espiritual o la inestabilidad política eran susceptibles de ser explicados a través de este discurso [...] Los intelectuales latinoamericanos no tardaron en apropiarse de este discurso, pues permitía dar validez científica a prejuicios raciales que existían desde la Colonia: autores como Gobineau, Haeckel, Morel, Lombroso y Le Bon se convirtieron en moneda corriente en la región (Soldan, 2006, p.XI).

Influenciados pelo paradigma científico das ciências naturais e biológicas que, nesse contexto, assumiam o status de conhecimento científico “verdadeiro”, muitos autores utilizaram uma linguagem médica (“diagnóstico”, “enfermidade” e “terapêutica”) para descrever as causas da “degeneração racial” das sociedades latino-americanas e apresentar um “tratamento”, tendo como modelo a ser seguido, os países europeus:

El examen de las sociedades latinoamericanas a través de la mirada “clínica” tuvo gran influencia entre los intelectuales del continente en los umbrales del siglo veinte. Si bien uno de los primeros intentos hispanoamericanos para “racializar” el progreso encuentra un precedente en *Conflictos y Armonías de las Razas de América (1886)* de Domingo F. Sarmiento, los trabajos que le precedieron apropiaron de manera más elaborada la reflexión ensayística con un discurso multifacético en donde se mezclaban las ciencias naturales, la historia, la antropología, la psicología y la sociología. Con este entramado de ideas se legitimaban a través de la autoridad del discurso científico los prejuicios existentes sobre las razas (Navarro, 2018, p. 162-163).

É nesse contexto intelectual que se destacam um conjunto de autores³ e obras seminais do pensamento político latino-americano do início do século XX. Todos eles participaram ativamente da vida política de seus países, empregando a retórica do diagnóstico para analisar

³Entre as diferentes teses que tentaram diagnosticar, e dar uma resposta terapêutica às questões que ainda marcavam a vida social quase um século de independência, destacam-se os ensaios dos argentinos Agustín Álvarez - *Manual de Patología Política (1899)* e Manuel Ugarte - *Doenças Sociais (1905)*, a obra do venezuelano Cesar Zumeta - *Continente Enfermo (1899)*, e o livro do boliviano Alcides Arguedas *Pueblo Enfermo (1909)* (Navarro, 2018, pág. 162-163).

as sociedades latino-americanas (Golveia, 2016). Alguns destes intelectuais foram sujeitos políticos ativos na construção de uma consciência e um Estado nacional “moderno”, entre os quais, destacamos os intelectuais argentinos, Juan Bautista Alberdi (1810- 1884), Agustín Álvarez (1857-1896), Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), Manuel Ugarte (1875-1951) e Carlos Otavio Bunge (1875-1919); o venezuelano Cesar Zumeta (1860-1955); os brasileiros Manuel Bonfim (1868-1932) e Nina Rodrigues (1862-906); o peruano Francisco Garcia Calderón (1834-1905) e o boliviano Alcides Arguedas (1879- 1946). De acordo com Paz Soldán,

En la Latinoamérica del fin de siglo, ansiosa de modernidad y con sus intelectuales y científicos con la mirada obsesivamente puesta en los centros de la civilización europea, el discurso de la degeneración logró aceptación y fue utilizado principalmente para una explicación racialista de las causas por las cuales a las nuevas repúblicas les resultaba tan difícil convertirse en naciones modernas. Este discurso proveía de una justificación y legitimación científica a muchos prejuicios raciales existentes desde la colonia, a la vez que explicaba las causas profundas por las cuales el proceso modernizador liberal no llegaba a producir naciones modernas. La racionalización de los prejuicios tuvo como resultado el hecho de que, en muchas regiones del continente, el periodo republicano haya sido más racista que el periodo colonial (Soldan, 1999, p.61)

A situação latino-americana, com intermináveis disputas caudilhistas promoviam um cenário de guerras civis na maioria dos países da América do Sul, o que favorecia a proliferação de visões pessimistas a seu respeito (Golveia, 2016, p.35). As categorias de “raça” e “degeneração” serviam para criticar a mestiçagem, as populações indígenas e os negros escravizados. Os ensaios escritos durante este período, indicavam a composição étnico-racial dos povos latino-americanos como um dos maiores obstáculos para o progresso dos países da região, sendo recorrentes as análises que se apropriavam de categorias raciais para explicar os fracassos e a degeneração de seus países.

É nesse contexto que o tema da participação (ou eliminação) do índio do projeto modernizador oligárquico aparece como uma contante no debate intelectual e político da segunda metade do século XIX (Soldan, 1999). A raça serviu para explicar o desenvolvimento humano e a classificação hierárquica dos indivíduos com base nas inevitáveis desigualdades e diferenças biológicas. De acordo com Peter Wade,

Las ideas sobre la raza eran elementos cruciales en los debates sobre la identidad nacional en un mundo donde ya los nacionalismos europeos y norteamericanos dominaban la escena. Las élites latinoamericanas querían emular la modernidad y el progreso de esas naciones y aceptaban en general los principios del liberalismo que consideraba a la ciencia, la tecnología, la

razón, la educación y la libertad del individuo como las fuerzas subyacentes de progreso. Pero estas naciones modernas y progresistas o bien no tenían poblaciones negras o indígenas significativas, o bien las mantenían estrictamente segregadas (como en el caso de los EE.UU.). En cambio, muchos países latinoamericanos tenían gran cantidad de mestizos, negros e indígenas. [...] a fines del siglo XIX, las teorías de la biología humana que aceptaba el racismo científico occidental relegaban a los negros y a los indígenas a un estatus inferior permanente y condenaban a los mestizos como seres degenerados (Wade, 2000, p.42)

As ideias positivistas foram utilizadas como ferramenta para a transformação da realidade, sendo a imigração e a educação, as soluções mais recorrentes para, se não curar, pelo menos, ser um paliativo no tratamento da enfermidade da América Latina. Nesta perspectiva, em muitos momentos, as elites latino-americanas buscaram definir quais grupos sociais estariam dentro e quais estariam fora dos projetos de construção de Estados nacionais modernos (Golveia, 2016). A ideia de raça esteve presente em muitos destes projetos nacionais ao longo do século XIX. Na Bolívia, não foi diferente, e o pensamento social e político produzido no final do século XIX e início do século XX esteve profundamente influenciado por estas ideias. Autores como Nicomedes Antelo (1829-1883), Gabriel René Moreno (1834-1908) e Alcides Arguedas (1879-1946) formaram a tríade de pensadores que traduziram o positivismo e o darwinismo social à realidade social boliviana. A seguir, apresentamos uma breve síntese das ideias mais importantes sobre a mestiçagem e o discurso da degeneração racial, presentes nestes autores, com um maior enfoque à obra de Alcides Arguedas.

A intelectualidade boliviana e o discurso da degeneração racial.

As ideias positivistas, o darwinismo social e o racismo científico exerceram uma importante influência sobre a intelectualidade boliviana na segunda metade do século XIX, autores como Alcides Arguedas, Nicomedes Antelo e Gabriel René Moreno constituem a geração positivista boliviana (Demélas, 1981; Zúñiga, 2009). Segundo Leopoldo Zea (1974) estes autores tinham algo em comum, buscaram identificar as causas das “enfermidades” que afligiam a sociedade boliviana e apresentar um projeto de “regeneração da nação”.

¿Cuál era la causa de todos los males de Bolivia? ¿Cuál la fuente de todos sus desaciertos? ¿Cómo regenerar a este pueblo? Tales eran las preguntas que se agitaban en la mente de los hombres que aspiraban a regenerar a la nación boliviana (Zea, 1974, p.117).

O intelectual cruceño Gabriel René-Moreno (1836-1908) em suas notas biográficas sobre Nicomedes Antelo, adotou um programa de modernização nacional com os siguientes pontos: “1) *Que se extinga (el indio) bajo la planta de la inmigración europea*; 2) *que se proceda a la depuración racial para conseguir la unificación de la raza nacional*; 3) *Que se vaya a una mestización con el indio cambia, pero jamás con el Aymara y el quechua*” (Moreno apud Zúñiga, 2009, p.41-42). A obra do intelectual Gabriel René Moreno afirma, categoricamente, que o “índio” e o mestiço boliviano desaparecerão o quanto antes sob a ação civilizatória da imigração europeia (Moreno, 1960). Além da desapareição do “índio”, era necessário regenerar o país através de uma selecionada imigração anglo-saxônica.

Al igual que Sarmiento en la Argentina, [Nicomedes] Antelo creía que con la desaparición de la raza india y la mestiza, Bolivia se regeneraría. Antelo creía también que el cerebro indígena y el cerebro mestizo eran celularmente incapaces para concebir y entender la libertad republicana, con los derechos y obligaciones que implicaba. Por término medio, decía, “esos cerebros pesan entre cinco, siete y diez onzas menos que el cerebro de un blanco de pura raza [...]” (Zea, 1974, p. 118).

De acordo com Paz Soldan (2006)., esta posição era representativa do pensamento darwinista na região oriental do país⁴, onde os indígenas eram minoria e, portanto, era mais fácil elaborar fantasias de extermínio total. Contudo, na região andina, os intelectuais buscaram formas paternalistas de “regeneração” e “civilização” do “índio” para articulá-lo ao projeto de modernização nacional. A degeneração racial, segundo estes intelectuais, era produto da mestiçagem. Esta perspectiva assumiu um status “científico” com o escritor Alcides Arguedas e sua obra, *Pueblo Enfermo*, um exemplo de etnografia descritiva profundamente ligada a uma doutrina moralista e conservadora de declínio e decadência racial (Larson, 1998). No ensaio, *Pueblo Enfermo*, Arguedas critica duramente a mestiçagem e enaltece as figuras intelectuais de Nicomedes Antelo e Gabriel René Moreno:

Las causas del hibridismo y sus fatales consecuencias las ha señalado con bastante acierto un curioso tipo de estudioso inadaptado, natural de Santa Cruz de la Sierra, Nicomedes Antelo, cuya figura moral pintó con rasgos inolvidables otro tipo ilustre de esa tierra, René Moreno, hasta hoy la cumbre insuperada en la intelectualidad altoperuana [...] (Arguedas, 1967, p.33)

⁴O historiador Víctor Hernán Rojas Vásquez afirma que "Do ponto de vista geográfico-cultural, a Bolívia tem três grandes regiões: 1. O ocidente, que inclui as terras altas [...] Esta grande região geográfica abrange todo o planalto e vales intermediários (Altiplano: La Paz, Oruro, Potosí e os Vales Intermediários: Cochabamba e Chuquisaca (Sucre). 2. O oriente boliviano, que compreende a grande planície tropical e subtropical ao leste da Cordillera de los Andes [...] Esta grande região geográfica inclui Santa Cruz como a cidade historicamente dominante, Beni e Pando. 3. O Chaco, estepe semidesértica, uma vasta área que se estende por Tarija e seus arredores, ao sul de Santa Cruz e ao sudeste de Chuquisaca" (Vásquez, 2015, p.48).

No livro, “*El pensamiento boliviano en el siglo XX*”, o filósofo Guillermo Francovich afirma que Arguedas era um homem de formação positivista que aspirava à uma visão científica dos fatos sociais e da história, sendo influenciado por Auguste Comte, Le Bon, Taine, os quais citava frequentemente em sua obra (Francovich, 1956). De acordo com Francovich, a obra de Arguedas constitui uma das críticas mais acidas do país andino:

[...] en la obra de Arguedas, el país hacía su examen de conciencia y era llevado a darse cuenta de que su atraso y su desventura no se debían a causas exteriores, a influencia extraña, a factores ajenos, como querían hacérselo creer los políticos, sino a la propia insuficiencia, a los propios defectos. Arguedas hizo volver violentamente los ojos del país sobre su propia alma con un amargo pesimismo (Francovich, 1956, p. 44)

A prosa polêmica e direta de Alcides Arguedas despertou paixões e ódios entre os seus leitores nacionais e estrangeiros. A publicação do livro teve um impacto imediato, não só, na intelectualidade boliviana, mas também, continental, sendo comentado por importantes intelectuais da época. Em sua advertência à terceira edição, escrita em janeiro de 1936, já no contexto da Guerra do Chaco, Arguedas afirma que o livro se tornou uma fonte de desencanto e contrariedade:

Despertou ódios, produziu polêmica, inspirou outros livros em que o autor era apresentado como um vil caluniador e um recalcitrante pessimista, mas transcorreram os dias e os tristes acontecimentos dos últimos tempos, má política, péssima administração, escolas péssimas, ambiente social corrompido, culminaram por fim com a tragédia do Chaco [...] reaparece, pois, Pueblo Enfermo. E é agora que neste livro encontrarão os bolivianos a explicação de nossa atual desgraça e encontrarão lições de energia [...] (Arguedas, 1967, p. XI).

O escritor foi reconhecido por muitos, como o principal intérprete da sociedade boliviana de fim do século XIX e início do século XX. Sobre a sua obra, o intelectual uruguaio, José Enrique Rodó escreveu que “*los males que usted señala con tan valiente sinceridad y tan firme razonamiento, no son exclusivos de Bolivia; son, en su mayor parte, y en más o menos grado, males hispanoamericanos* [...]”. Em carta endereçada à Alcides Arguedas, datada de 1909, um dos maiores expoentes do movimento intelectual conhecido como *regeneracionismo espanhol*⁵, Ramiro Maetzu, teceu elogiosas palavras ao texto:

⁵ Para Edmundo Paz Soldán, “Arguedas había leído a pensadores de la degeneración como Gustave Le Bon antes de su primer viaje a Europa en 1903. Sin embargo, fue este viaje el que solidificó su visión del problema nacional. Su paso por España y su contacto con los regeneracionistas españoles (Altamira, Ganivet, Maetzu, Costa), dedicados a explorar las causas profundas de la crisis de España, lo convencieron de su misión. En el lenguaje médico-biológico de la época, que concebía a las naciones como organismos, Arguedas, como tantos otros intelectuales hispanoamericanos del período, sería el doctor encargado de diagnosticar los males del “pueblo enfermo” y proponer una “terapéutica” (Soldan, 2006, p.XVII).

Usted ha hecho por su país, con este libro, lo que unos cuantos españoles hicimos por el nuestro hace diez años, a raíz de haberse perdido la colonia [...] Hicimos, entre quince o veinte intelectuales, lo que usted sólo intenta, y acaso realiza en lo posible, más sistemática, más científicamente que nosotros. Cada uno de los españoles afrontó un solo aspecto del problema: el económico, el político, el étnico, el geográfico, el religioso, el mental o el moral; usted, en cambio, los afrontó todos [...] (Carta de Maetzu à Arguedas, 1909).

Arguedas nasceu em 1879, ano marcado pelo início da Guerra do Pacífico⁶ envolvendo a Bolívia, o Peru e o Chile. Este evento teve um trágico desfecho para a Bolívia, que, perdeu definitivamente o seu acesso ao mar. A partir de então, o país teve o seu território paulatinamente desmembrado, perdendo importantes áreas para o Chile, Brasil e Paraguai. Vinte anos após a deflagração da Guerra do Pacífico, o país foi cenário de uma Guerra civil entre liberais e conservadores no ano de 1899⁷. No contexto da guerra civil, eclodiu a rebelião indígena liderada por Zárate Willka⁸ e o famoso julgamento de Mohoza⁹. A participação das comunidades indígenas aymaras na guerra civil de 1899 e o processo de Mohoza reativaram o debate entre políticos e intelectuais sobre "a questão do índio". De acordo com Paz Soldán (2006), o que aconteceu em Mohoza confirmou as suspeitas de [Gabriel René] Moreno sobre

⁶ Como indica Leopoldo Zea, "En 1879, por un incidente surgido con una compañía salitrera chilena, la República de Chile le declara la guerra e invade su territorio. Perú, fiel a un pacto firmado con Bolivia, acude en su ayuda; mas todo resulta inútil y ambas naciones son vencidas por las fuerzas chilenas. En 1880, Bolivia se ve obligada a ceder a Chile las zonas salitreras de su litoral y con ellas su única salida al mar. Bolivia queda estrangulada en medio de sus altas y casi inaccesibles montañas (Zea, 1974, p.117).

⁷ Segundo María del Pilar Mendieta: "[...] a chamada Guerra Federal tem a ver com a violenta eclosão de atritos entre duas elites em luta pelo poder e com conflitos relacionados a comunidades indígenas na luta pela recuperação de suas terras usurpadas por políticas estatais que buscavam seu desaparecimento. A crise de 1899 implicou a substituição do partido conservador, cujo poder estava no sul da República, pelo partido liberal. A consequência mais imediata, terminado o confronto em favor dos liberais, foi a mudança da sede do governo da cidade de Sucre para a de La Paz, transferindo a hegemonia política do país para o norte. Sua peculiaridade consistia na participação ativa das comunidades indígenas, bem como dos poderes locais, com base em uma grande aliança popular que foi quebrada quando os indígenas radicalizaram sua posição no contexto do conflito. Um dos casos mais complexos ocorreu no templo da cidade de Mohoza, onde 120 soldados de um esquadrão liberal morreram nas mãos dos índios supostamente aliados. Outro caso de radicalismo indígena ocorreu na área de Peñas, no departamento de Oruro, onde, no calor dos acontecimentos, seus líderes formaram seu próprio governo" (Mendieta, 2010).

⁸ Edmundo Paz Soldán afirma que: "Essas rebeliões buscavam defender as terras da comunidade e impedir os abusos dos patrões; exceto a rebelião de Zárate Willka, elas não perseguiram nenhum projeto político autônomo. A rebelião de Zárate Willka faz parte da guerra civil de 1899, que opõe os liberais da classe média em ascensão de La Paz, aliados aos mineiros de estanho, contra os conservadores da velha oligarquia de mineração de prata de Sucre. Os liberais, liderados por Juan Manuel Pando, decidiram buscar o apoio dos indígenas aimarás para derrubar o partido conservador. No entanto, o líder aimará, Pablo Zárate Willka, tinha seu próprio projeto político: após a derrota conservadora, os aimarás atacariam seus ex-aliados liberais em busca da "restituição das terras comunais usurpadas ... e o estabelecimento de um governo indígena autônomo" (Soldán, 2006, p. XII-XIII).

⁹ O Julgamento de Mohoza (1899-1904) deu início ao período do "darwinismo crioulo" na Bolívia, marcado pela exacerbação do racismo da era republicana. Os responsáveis pelo massacre de Mohoza foram submetidos a um processo judicial que durou de 1901 a 1904; uma comissão de cientistas franceses veio à Bolívia para estudar, à maneira de Broca e Lombroso, as características físicas, o crânio e a fisionomia dos réus indígenas (Soldan, 2006).

os indígenas, e produziu a reativação discursiva do tema da "guerra das raças", supostamente promovida pelos índios contra a minoria crioulo-mestiça. Estes eventos exerceram uma grande influência na obra e no pensamento político e social de Alcides Arguedas, sobretudo, ao potencializar o pessimismo e a frustração que ele nutria com o Estado e a sociedade boliviana. Este contexto contribuiu para exacerbar as contradições da sociedade boliviana, reacendendo os conflitos étnicos e as manifestações permeadas pelo racismo das elites brancas e mestiças. Em uma instigante análise do final do século XIX, Brooke Larson afirma que:

Hacia fines de 1899 la Guerra Federalista y la rebelión de Zárata Willka marcaron un hito fundamental en la elaboración de un proyecto nacional excluyente. Intelectuales y escritores bolivianos como Alcides Arguedas, Rigoberto Paredes, Franz Tamayo, Bautista Saavedra, Daniel Sánchez Bustamante y otros, se involucraron en un intenso ejercicio de introspección y de autocrítica moral acerca de la frustración de la experiencia republicana, de la herencia racial y de las perspectivas futuras de la nación boliviana. En el corazón de esta búsqueda de la identidad nacional se encontraba la cuestión primordial: esto es, si el Estado boliviano debía promover la integración, civilización, y ciudadanía de los pueblos indígenas dentro de un estado nación homogéneo, y en el caso de que así fuera, cómo debería cumplirlo [...] (Larson, 1998, p.27 - 28)

No caso de Arguedas, a sua visão está marcada por uma imagem que associa as populações indígenas ao atraso, à ignorância e à violência. O seu pessimismo reflete a visão das elites branco-mestiças e as frustradas tentativas de formação de um Estado Nacional cujo modelo a ser seguido foram os países europeus “civilizados”. Arguedas sintetiza todo o seu pessimismo e frustração na terceira edição do livro, publicada em 1937, onde tece elogiosos comentários à obra de Adolf Hitler:

[...] É a mestiçagem o fenômeno mais visível na Bolívia, o mais avassalador e o único que explica racionalmente e de maneira satisfatória seu atual retrocesso. Ninguém com mais vigor que Hitler nestes dias colocou em destaque o perigo da mestiçagem dos povos. ‘Aceitar, disse, a hipótese da igualdade das raças, significaria proclamar a igualdade dos povos e conseqüentemente a dos indivíduos [...] (Arguedas, 1936, p.264-265).

Um pessimismo que se derivava, em parte, da premissa da inferioridade “criola” e sua incapacidade para absorver e melhorar a reserva racial das ‘inferiores’ raças indígena e mestiça (Larson, 1998).

El pesimismo de Arguedas es radical: una mezcla de fatales leyes biológicas, razones históricas y circunstancias ambientales, han hecho del indígena una raza “atrofiada” o “enferma” [...] En este triste panorama de razas condenadas a un destino infrahumano, sólo hay un paliativo: la educación,

que, si bien no hará de estos individuos hombres realmente civilizados, al menos los convertirá en seres útiles: buenos campesinos, obreros o soldados. Quizá no sea de extrañar que, en la tercera edición del libro (Santiago de Chile, 1937), Arguedas añadiese My Kanpf (München, 1925-1939) de Adolf Hitler, a la lista de autoridades sobre el problema racial (Oviedo, 1991, p. 58).

Arguedas afirma que a densidade de sangue indígena impede que o corpo social se regenere e a enfermidade se “ha hecho metástasis, Bolivia no podrá alcanzar el status de nación moderna, pues sufre de una enfermedad mortal que ya no se puede curar” (Zúñiga, 2009, p. 42). Para o autor, “[...] devemos concordar, franca e corajosamente, que estamos doentes, ou melhor, que nascemos doentes e que nossa dissolução pode ser certa [...]” (Arguedas, 1967, p.176). A inquietação “médica” que organiza a retórica arguediana se remonta à obras clássicas da tradição intelectual hispano-americana, como a geração argentina de 1837, com Alberdi e Sarmiento (Gomes, 2006). De acordo com Larson (1998), Arguedas se inspirou em um amplo círculo teórico europeu e latino-americanos, que, passa por Gustav Le Bon e Conde de Gobineau a Euclides de Cunha e Carlos Octavio Bunge, sendo este último, o que forneceu ao escritor boliviano as premissas teóricas e as metáforas da “doença social” para compreender a patologia social e moral boliviana.

Os elementos étnicos que no país vegetam, são absolutamente heterogêneos e até antagonicos. Não há entre eles essa estabilidade e harmonia que exige todo progresso, podendo dizer-se que ainda está em germe o caráter nacional propriamente dito, e, portanto, não se sente animado impulso consciente, capaz de engendrar um movimento de atividade criadora (Arguedas, 1967, p.26)

O ensaio *Pueblo Enfermo* oscila em um tenso e instável “equilíbrio” que, explica, em grande medida, as distintas interpretações e controvérsias que surgiram em torno a esta obra. Por um lado, estão aqueles que o identificam como o precursor do indigenismo na Bolívia e crítico das relações de opressão e exploração dos povos indígenas; por outro, os que, o consideram a máxima expressão do determinismo biológico e racial.

Contam-se, pois, como fatores iminentes de degeneração física [dos indígenas], o alcoolismo, a falta de higiene, uma alimentação falha e deficiente, e como, feliz complemento, as doenças venéreas que se introduziram em populações onde abunda o elemento imigrante, sendo necessário buscar aqui, quer dizer, nestes deprimentes fatores, as causas da maneira de ser coletiva, e, principalmente, do seu modo de pensar tão primitivo, tão sem substancia, tão doente, **pois os fenômenos sociais há que explicá-los biologicamente**, isto é, há que estabelecer relação entre as necessidades coletivas e os meios empregados para satisfazê-las. Um cérebro mal alimentado não tem força de assimilação, e o mesmo acontece com a coletividade” (Arguedas, 1967, p. 175-176).

No cenário intelectual e cultural do final do século XIX, Alcides Arguedas estava interessado em identificar os elementos essenciais da identidade nacional, as causas profundas da decadência física e moral da sociedade boliviana e apontar uma terapêutica nacional capaz de regenerar a nação e o corpo social. O ensaio “*Pueblo Enfermo*” examina os elementos cruciais do que Arguedas considera o excepcionalismo boliviano:

[...] la geografía montañosa que había modelado a sus habitantes originarios, su herencia de las dos civilizaciones indígenas (Tiawanaku e Incas); la supervivencia y presencia de las razas aymara y quechua a pesar de la extinción de sus civilizaciones; la mínima infusión de sangre europea (debido a la falta de una colonización europea a la argentina o inclusive a la brasileña) y la larga y profunda historia boliviana de mestizaje (Larson, 2001).

Arguedas adotará o discurso da patologização do social, em que o povo enfermo (a nação boliviana) espera o médico encarregado de diagnosticar os males que afligem a sociedade e de propor uma terapêutica para levar adiante a regeneração do organismo nacional (Zuniga, 2009). A seguir, abordaremos como estes argumentos aparecem no ensaio *Pueblo Enfermo*, sobretudo nos capítulos dedicados ao estudo da geografia do país, da distribuição étnica da população e da psicologia das raças “índia”, “branca” e “mestiça”.

Degeneração, raça e mestiçagem no ensaio “*Pueblo Enfermo*”.

O ensaio *Pueblo Enfermo* começa com uma análise de como o meio físico e a geografia interferem negativamente no desenvolvimento econômico do país. Sua análise parte da diversidade territorial boliviana ao afirmar que “*o território da Bolívia pode dividir-se em três regiões perfeitamente caracterizadas por sua formação geológica e os produtos inerentes a esta*” (Arguedas, 1967, p.17). As três regiões são: Amazônica, Andina, Do Prata. Em seguida apresenta uma breve análise da distribuição étnica da população (com enfoque nos povos indígenas do Oriente (região Amazônica).

A distribuição étnica dessas três regiões em sua variedade indígena oferece uma marcada diferença, porque se na [região] andina se encontram as raças que formaram o Império Incaico do Tahuantisuyo, nos extremos ou nas selvas das outras duas, longe das cidades, vegetam tribos bárbaras distantes de todo o contato civilizador [...] (Arguedas, 1967, p. 21).

A descrição do altiplano andino é feita em um tom pessimista e sombrio: “*a cor dominante e absorvente é o cinza*”, “*a fauna é pobre*” e “*pobre também é a flora*”. Sobre a região Andina, o autor afirma que,

Ali não surpreende a vida, mas o nada. Em meio a esse silêncio petrificado, dessas savanas cinzas e empoeiradas onde as caravanas, por numerosas que sejam, se parecem a grupos de formigas decrépitas sobre a vasta extensão de um plano, se sente tal abandono, tal solidão, que o espírito não tem ânimo de remontar-se, de sonhar. Daí a ausência de toda poesia das raças que o povoam. Sua beleza, se pode haver beleza dentro da uniformidade de linhas e cores, é rara (Arguedas, 1967, p.18)

A visão negativa e triste da Cordilheira dos Andes contrasta com o fato desta região ser “*exuberantemente pródiga em metais. Existem de toda classe [...] quase não há variedade conhecida no mundo que não se encontre naquela zona: cobre, ouro, prata, estanho, plomo, cobalto, bismuto, alumínio...*” (Arguedas, 1967, p.18). Segundo Arguedas “*são nas minas desta região, onde os conquistadores trabalharam e fizeram trabalhar duramente aos índios [...]*” (Arguedas, 1967, p.19). Sobre a região Amazônica, Arguedas afirma ser uma [...] *uma suíça gigantesca, exuberante de vida em todo o tempo [...]* (Arguedas, 1967, p.20). Por fim, apresenta algumas poucas características da região Do Prata:

[...] a vida se torna fácil pela fecundidade do solo, ainda não trabalhado com regularidade. As selvas, inexploradas guardam escondido todo seu tesouro e apenas vão povoar tão invejáveis regiões quem, estando feitos a tratar com gente pouco sociáveis, se sentem inquietos pela sede de ouro, acicate martirizador da vontade contemporânea, ávida de triunfo (Arguedas, 1967, p.21)

Ainda no capítulo I, Arguedas propõe uma análise da distribuição étnica da população boliviana entre estas regiões, mas, concentra suas observações nos povos indígenas da região Amazônica que “*habitam as margens dos rios Madeira, Mamoré e Madre de deus, ou as do Pilcomayo, pela parte sul*” e são considerados pelo autor como “[...] *seres primitivos e em pleno contato com a natureza, sem noções de deveres políticos ou sociais [...]*. O autor compara-os “*a certos animais a quem as necessidades de defesa e própria conservação os obrigam a unir-se em rebanhos e colocar-se sob a proteção do mais forte ou do mais experimentado*” (Arguedas, 1967, p. 21).

Logicamente se deduz então que essas tribos não formam nem de longe parte da comunidade política e social, e sua existência no território não importa nenhum elemento de avanço econômico e menos, por tanto, de progresso social. É como se vivesse uma raça de bestas úteis para certos fins (Arguedas, 1967, p. 23).

Por fim, Arguedas analisa como a falta de vias de comunicação e estradas representam um obstáculo para a modernização e o progresso da Bolívia e constitui uma das principais causas do atraso do país. A falta de integração nacional do seu território se deve, sobretudo, a falta de estradas e vias de comunicação:

Compreende-se assim, que em um solo, tão irregular, tão cheio de contrastes, tão caprichosamente formado e em que vegeta mais de um milhão de indígenas, não seja façanha fácil empreender grandes obras de viabilidade, a não ser impondo-se o sacrifício de fortes somas de dinheiro, jamais tendo havido nas arcas da nação para esta classe de trabalhos [...] Para que um país tenha boas estradas, é necessário a ocorrência de múltiplos fatores econômicos e sociais: que o seu solo seja plano e fácil de trabalhar, que haja ativo intercâmbio comercial, que os habitantes sintam o prazer de suas viagens, e, enfim, que as dimensões não sejam imensas; nenhuma dessas condições se apresenta na Bolívia [...] Para se ter ideia da dificuldade que existe em trasladar-se de um ponto a outro no território da República, basta saber que é mais fácil fazer uma viagem a qualquer das capitais europeias do que atravessar o solo pátrio de um ponto a outro e ir, por exemplo de Tarija a Trinidad, ou de La Paz a Santa Cruz (Arguedas, p. 23-24).

Os limites impostos pela geografia impactam negativamente “*O vasto comercio interior da Bolívia*”, ao “[...] *ser feito todo este tráfico por meio de índios. Como se vê, tudo é primitivo, agreste e selvagem [...]*” (Arguedas, 1967, p. 24). Apenas finalizada a Guerra do Chaco “*se viu a necessidade das estradas e caminhos como condição primeira e determinante de progresso material e coesão nacional*” (Arguedas, 1967, p. 24). A partir da leitura e análise do primeiro capítulo podemos identificar a importância concedida por Arguedas ao meio físico e natural como elementos determinantes na configuração do modo de vida e da personalidade das diferentes “raças” que povoam o território boliviano.

Más que las condiciones biológicas, históricas y sociales, las montañas modelaron el carácter físico y psicológico de las razas aymara y quechua de Bolivia. Desde el comienzo, Arguedas estructura su análisis de la ‘raza india’ boliviana alrededor de oposiciones binarias entre aymara-quechua, montañas/valles, rasgos psicológicos masculinizados/femenizados [...] Conforme a esto, el clima frío y severo del altiplano, coronado por sus enormes picos nevados, habían producido al solitario, impenetrable, taciturno, defensivo, belicoso aymara; mientras que los intermontañosos valles y las laderas orientales de Bolivia habían sido la cuna del pasivo, emotivo, lírico y complaciente quechua (Larson, 2001).

No segundo Capítulo, “*Psicologia da raça indígena*”, aparece de forma explícita a referência ao racismo científico e ao determinismo geográfico e biológico¹². O autor começa com uma crítica à divisão étnica oficial da população boliviana desenvolvida pelos autores do Censo de 1900, em que se estabelece uma separação rígida do povo boliviano em quatro raças principais: “1. *Indígena*; 2. *Branca, descendente da estrangeira, principalmente*

espanhola; 3. Mestiça que é fruto das duas anteriores; 4. Negra, cuja proporção é bastante reduzida” (Arguedas, 1967, p.31). Esta divisão tão categórica é criticada por Arguedas por considerá-la “fora de lugar”:

O termo raça, usado assim de modo tão categórico para determinar a rápida variação que existe entre os grupos povoadores do solo boliviano, parece fora de lugar, e muito mais, se, têm-se em consideração as restrições e reservas que hoje em dia suscita seu uso por não se conceituar categoricamente valorizado pela ciência nem acreditar que determine de maneira concreta seus alcances, pois, segundo Novicow [um feroz oponente do Darwinismo Social], ninguém pode dizer jamais quais traços estabeleciam as características da raça (Arguedas, 1967, p. 31).

Na citação acima, Arguedas parece distancia-se do determinismo biológico ao se apoiar no autor Jacques Novicow (1849-1912), um severo crítico das teorias do Darwinismo social, para criticar a noção de raça estabelecida pelo censo demográfico de 1900. Para Arguedas, na Bolívia, não seria possível precisar, as diferenças existentes entre as chamadas raça branca e a raça mestiça, já que, fisicamente ambas se parecem, “o Cholo (raça mestiça) enquanto se eleva em seu meio já é senhor, e, portanto, pertence à raça branca” (Arguedas, 1967, p.32).

Arguedas retoma o conceito de raça apenas “*desde o ponto de vista psicológico e para maior facilidade expositiva*” (Arguedas, 1967, p. 33). Neste capítulo, o autor propõe-se analisar a psicologia da raça indígena, pois, a raça negra “*não joga um papel ativo no conjunto da população*” e a branca, “*salvo detalhes de ordem moral pode perfeitamente ser incorporada à [raça] mestiça*” (Arguedas, 1967, p. 33). O “indio Aymara” da região inter-andina é descrito como “*selvagem e insociável como besta de bosque*”. Arguedas chega a afirmar que ele está “*entregue aos seus rituais gentílicos e ao cultivo desse solo estéril em que, a não duvidar, concluirá rápido sua raça*” (Arguedas, 1967, p. 34). O determinismo geográfico e biológico aparece de forma explícita no trecho abaixo:

O aspecto físico de planície (altiplano), o gênero de ocupações, a monotonia desta, moldou o espírito de maneira estranha. Nota-se no homem do altiplano, a dureza de caráter, a aridez de sentimentos, a absoluta ausência de afeições estéticas. O ânimo não tem força para nada, apenas para fixar-se na persistência da dor. Chega-se a uma concepção sinistramente pessimista da vida. Não há nada além de dor e luta. Tudo o que nasce do homem é pura ficção. A condição natural deste é ser mal; e da natureza. Deus é inclemente e vingativo; se satisfaz de enviar toda sorte de calamidades e desgraças (Arguedas, 1967, p. 35).

A conformação física da região andina imprimiu traços duros no caráter e constituição do índio. O seu caráter tem a dureza e a aridez do terreno. Também seus contrastes, porque é

duro, rancoroso, egoísta, cruel, vingativo e desconfiado quando odeia. Submisso e afetuoso quando ama. Falta-lhe vontade, persistência de animo e sente profundo aborrecimento por tudo o que se lhe diferencia (Arguedas, 1967, p. 36). Neste capítulo sobre a “*psicologia da raça índia*” identificamos os elementos do racismo e discriminação presentes nos argumentos contra os aymaras, identificando-os como “egoístas”, “vingativo”, “ignorantes”, “atrasados”, “bárbaros” e “violentos”. Por outro lado, também podemos encontrar no ensaio de Arguedas um esboço de crítica às duras condições de vida do “índio” que são vítimas do embrutecedor sistema de exploração e outras barbaridades perpetradas pelos patrões, a igreja e o Estado:

Subjugado, então, o índio por diferentes crenças contraditórias, inteiramente submetido à influência material e moral de seus yatiris, dos padres, patrões e funcionários públicos, sua alma é um repositório de rancores acumulados há muito tempo, desde quando a flor da raça foi trancada, contra sua vontade, no fundo das minas, ele se esgotará rapidamente, sem promover clemência em ninguém [...] Hoje, ignorante, maltratado, miserável, ele é objeto de exploração e antipatia geral. Quando essa exploração, em sua forma agressiva e brutal, atinge seu clímax e os sofrimentos são extremos a ponto de o sofrimento ultrapassar mais os limites da abnegação humana, então o índio se levanta, esquece sua manifesta inferioridade, perde o instinto de conservação e, ouvindo sua alma cheia de ódio, ele desabafa suas paixões e rouba, mata, assassina com fúria atroz (Arguedas, 1967, p. 41).

Nessa passagem do ensaio podemos identificar as tensões e contradições no pensamento de Arguedas que oscila entre os determinantes geográficos e biológicos, e um embrionário esboço de abordagem sócio-histórica-cultural do “problema indígena” na Bolívia. Isso ocorre, porque a obra de Arguedas é escrita em um contexto intelectual de transição, em que as ideias do racismo científico já se encontravam em crise, mas, seguiam exercendo uma importante influência em setores importantes das elites e da intelectualidade boliviana. No livro “*Teoría y crítica del pensamiento latinoamericano*”, o filósofo e historiador argentino, Arturo Andrés Roig capta esta “aparente” tensão e contradição no pensamento de Arguedas:

[...] por una parte, una actitud comprensiva respecto de la situación de opresión del indígena y denuncia crudamente a los grupos opresores, por la otra, desarrolla un racismo que implica el más profundo desprecio por su propio pueblo, al que declara "enfermo" y en vías de degeneración. A su vez, las dolencias del hombre boliviano son explicadas como fenómenos naturales, no propiamente históricos, por lo mismo que 'los fenómenos sociales hay que explicarlos biológicamente' (Roig, 1981, p. 133).

Após analisar a “raça índia”, Arguedas desenvolve o argumento sobre os efeitos negativos da miscigenação nas “raças brancas e mestiças”. No capítulo sobre a *Psicologia da raça mestiça*, o autor afirma que:

Do abraço fecundante da raça branca, dominadora, e dos índios, raça dominada, nasce a mestiça, trazendo por herança os traços característicos de ambas, mas mesclados em um amálgama estupendo em vezes, por que determina contradições nesse caráter que se torna difícil explicar, pois traz do espanhol sua belicosidade, seu egocentrismo, seu orgulho e vanidade, seu acentuado individualismo, sua oratória exuberante, seu nepotismo invencível, seu fulanismo furioso, e do índio, sua submissão ao poderosos e fortes, sua falta de iniciativa, sua passividade diante dos males, sua indominável inclinação à mentira, o engano e a hipocrisia, sua vanidade exasperada por motivos de pura aparência e sem base de nenhum grande ideal, seu gregarismo, por último, e, como remate de tudo, sua deslealdade (Arguedas, 1967, p. 57)

Para o autor, a raça branca “[...] *ainda não adquiriu o hábito de viver livremente e governar-se a si mesma. Débil de vontade, o branco apenas obedece a suas pulsões do momento, e um dos mais graves defeitos é o da ausência de previsão*” (Arguedas, 1967, p. 62). Diferente da sua descrição moral dos “índios”, Arguedas identifica na “raça branca” faculdades de adaptabilidade invejáveis: “*é generoso, inteligente, dedicado*”. Mas, a raça branca e mestiça estão contaminadas pelo vício da “empleomania” (Emprego no Estado) e do “funcionarismo” (ambos representariam um dos principais males do Estado boliviano), sendo a “*causa primeira e origem da decadência do comércio, da indústria, da agricultura, de tudo aquilo, enfim, que é fonte principal do desenvolvimento de uma nação* [...]” (Arguedas, 1967, p. 63).

Geralmente se acredita ali, com ingenuidade perfeita por certa classe de pessoas, que a missão do Estado é proporcionar a todos, sem exceção, meios de trabalho e subsistência. Um indivíduo, qualquer que seja seus conhecimentos, aptidões e modo de ser, necessita está empregado em uma oficina governamental. O funcionarismo é um perigo social em certos países, com o agravante de que todo funcionário pensa que ser inescrupuloso no manejo dos fundos do Estado, é ato revelador de admiráveis qualidades especulativas (Arguedas, 1967, p. 90).

Ao final do livro, o autor aborda, o que na sua isão, são principais “*Causas da decadência física*” do povo boliviano: o alcoolismo, a falta de higiene e a falta de uma boa alimentação. O modo de vida teria como consequência imediata o desmembramento territorial, a decadência física e a degeneração moral de todas as “raças”:

Em algumas populações mais do que outras se acentua dita falta de higiene, e isso depende do elemento étnico predominante nelas e da altura atmosférica em que se encontram sitiadas, pois em populações onde a classe indígena e a mestiça, abundam, sempre haverá que sentir falta de hábitos de limpeza e higiene, porque ditas classes são bastante sujas. Difícilmente pode se ter uma ideia da desordem em que vivem os índios do terreno andino (Arguedas, 1967, p. 172).

A consequência lógica do argumento arguediano é a constatação da completa inviabilidade da Bolívia em constituir-se enquanto um Estado nacional moderno. Esta conclusão evidencia-se no último capítulo do livro (¿“*Que harán de Bolivia los Militares?*”). O autor constata a “inutilidade dos conselhos para curar os males do país” ao afirmar que: “En las anteriores ediciones llevó este libro un capítulo último, La terapéutica Nacional, en que honrada e ingenuamente se daban consejos para aliviar, curar y extirpar los males señalados en el curso del libro mismo” (Arguedas, 1967, p. 251).

O pessimismo se aproxima da completa inação quando o autor reconhece que “[...] *los males denunciados por él y desdeñados por los políticos, han conducido al país a un desastre [...]*” (Arguedas, 1967, p. 251). Na edição de 1937, Arguedas conclui o ensaio reivindicando explicitamente a obra de Adolf Hitler, *Mein Kampf* (Mi Lucha), recorrendo a uma longa citação deste livro para defender a ideia de que “[...] *es el mestizaje el fenómeno más visible en Bolivia, el más avasallador y el único que explica racionalmente y de manera satisfactoria su actual retroceso. Nadie con más vigor que Hitler en estos días ha puesto de relieve el peligro de la mestización de los pueblos*” (Arguedas, 1967, p. 264). Como assinala Paz Soldan (2006), Arguedas jamais pôde escapar ao determinismo tão predominante no pensamento científico no final do século XIX. Suas tentativas de regeneração foram abafadas por sua convicção íntima de que os males do país eram inerentes à sua composição racial e, portanto, insolúveis. A derrota na Guerra do Chaco com o Paraguai (1932-1935) levou-o a admitir explicitamente o que poderia ser lido implicitamente em seus textos: qualquer terapia era inútil, a Bolívia nunca seria um país moderno. Assim, toda a sua obra pode ser lida como a narrativa linear da doença, do fracasso da Bolívia em sua tentativa de se constituir como nação moderna.

Referencias

ARGUEDAS, Alcides. *Pueblo Enfermo*. La Paz: Ediciones Puerta del Sol, 1967.

_____. *Raza de Bronce*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2006.

ARONNA, Michael. **Pueblos Enfermos**. The Discourse of Illness in the Turn of the Century Spanish and Latin American Essay , University of North Carolina Press, Chapel Hill, (1999) .

DEMÉLAS, Marie-Danielle. Darwinismo a la criolla. *Historia Boliviana*, 1-2 (La Paz, 1981): 55-82.

FRANCOVICH, Guillermo. *El pensamiento boliviano en el siglo XX*. FCE, México, 1956.

GOUVEIA, Regiane Cristina. América Latina Enferma: racismo e positivismo no pensamento político latino-americano em fins do século XIX e início do XX. Tese (Doutorado). Curso de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro: s.n, 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17785>. Data de acesso: 15 de jul. de 2022.

GOMES, Miguel. El ensayo enfermo: Alcides Arguedas y la radiología. *Cuadernos del CILHA*, N°7/8, 2006.

LARSON, Brooke. Indios redimidos, cholos barbarizados: imaginando la modernidad neocolonial boliviana (1900-1910). In: *Visiones de fin de siglo. Bolivia y América en el siglo XX*. Comps. Dora Cajías, Magdalena Cajías, Carmen Johnson e Iris Villegas. La Paz: Instituto Francés de Estudios Andinos (IFEA); Coordinadora de Historia; Embajada de España en Bolivia, 1998.

MENDIETA, Pilar. *Entre la alianza y la confrontación*. Pablo Zárate Willka y la rebelión indígena de 1899 en Bolivia. La Paz, IFEA/PluralASDI/IEB, 2010.

MITRE, Antonio. *O Dilema do Centauro*: Ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORENO, René Gabriel. *Nicomedes Antelo*. Publicaciones de la Universidad. Santa Cruz de la Sierra. 1960.

NACIFF, Marcela. La Raza de Bronce de un pueblo enfermo, o Alcides Arguedas y el problema del indio. *Cuadernos del CILHA*, vol.9, N°10, 34-46, 2008.

NAVARRO, Oleski Miranda. Degenerados y criminales: la preocupación de la raza en el Pueblo Enfermo de Alcides Arguedas. *Espacio Abierto*, vol. 27, no. 4, October- December 2018, pp. 161-172.

OVIEDO, José Miguel. *Breve historia del ensayo hispanoamericano*. Madrid, Alianza, 1991.

POLAR, Antonio Cornejo. *De Wuata Wara a Raza de Bronce*. Nueva Revista de Filología Hispánica, T. 35, N°2, 543-548, 1987.

PRUDEN, Hernán. Apuntes para una historia del mestizaje en Santa Cruz de la Sierra. *Iberoamericana (Madrid)*, XVIII, 67, (2018): 39-62.

ROIG, Arturo Andrés. *Teoría y crítica del pensamiento latinoamericano*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

ROSE-GREEN, Claudette. Convergencias y divergencias entre Raza de bronce y Pueblo enfermo. *Revista de crítica literaria latinoamericana*, vol. 13, n. 25, 198.

SOLDÁN, J. Edmundo Paz. “Prólogo” Raza de Bronce, Biblioteca Ayacucho, Caracas, IX-LVII, 2006.

_____. Nación (enferma) y narración: el discurso de la degeneración en Pueblo enfermo de Alcides Arguedas. *Revista Hispánica Moderna*, vol. 52, n. 1, 1999.

ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. México DF: Ariel, 1974.

ZÚÑIGA, Roberto Herrera. Las metáforas del racismo: apuntes sobre el positivismo boliviano. *Revista de Filosofía Universidad Costa Rica XLVII*, 122, p.39-47, septiembre-diciembre, 2009.